

# MISSA DO GALO

EDITORIAL



**José Manuel Fernandes**

Faz esta noite onze anos que assisti, pela última vez, a uma Missa do Galo. Em Sarajevo, cidade de maioria muçulmana que então procurava habituar-se aos primeiros dias sem cerco e sem guerra. Saí da Bósnia antes da celebração do Natal Ortodoxo e, nesses dias, o templo de obediência ao cristianismo oriental estava fechado pois era frequentada pelos sérvios que, então, só viviam nos bairros do outro lado do rio. Contudo nessa manhã acordara ao som do chamamento para a oração dos *muezzin*, essa melopeia rouca que ecoava a partir dos minaretes das mesquitas espalhadas pelas colinas da cidade velha, e, na véspera, um dos últimos judeus que resistira entre as ruínas levava-me a visitar a Sinagoga e falara-me um pouco em ladino, a língua dos descendentes dos judeus expulsos no século XV da Península Ibérica.

Hoje, não sendo crente, tenciono voltar a assistir a uma Missa do Galo. Na companhia de um membro da comunidade judaica que, já este ano, me convidou a assistir à cerimónia do Yom Kippur, a que infelizmente não pude comparecer. Mas o momento que vivemos leva-me a sentir não só a necessidade de conhecer melhor religiões diferentes daquela em que fui educado, como a honrar os seus cultos. Até porque entramos num tempo em que os extremismos políticos que marcaram o século passado se orientam para outros terrenos, ou regressam a terrenos de onde partiram: os do jacobinismo intolerante e irresponsável. Os últimos anos mostraram-nos que é mais fácil uma sociedade integrar no convívio democrático ideias políticas opostas do que ultrapassar divisões religiosas de forma pacífica. Por isso prefiro a palavra respeito a tolerância mas, tendo de utilizar esse conceito mais vulgarizado, então diria que a tolerância política é mais fácil de atingir do que a tolerância religiosa. E que as intolerâncias que se inspiram numa posição religiosa – ou anti-religiosa – resistem melhor à passagem dos anos e das gerações do que diferenças radicadas em ideologias políticas diferentes. É de resto por isso que Fukuyama se enganou ao proclamar o “fim da

PÚBLICO 24-12-2006

História”: é que se esta “terminou” como seta do tempo com o sentido irreversível que lhe dera a interpretação marxista, regressou a galope pelas traseiras do mundo, vinda de onde nunca se imaginou que pudesse brotar com tal intensidade.

O desnorte com que hoje enfrentamos, sobretudo numa Europa onde se acreditou que a tolerância política implicava uma vitória da “razão” sobre a religião, é um sinal de como o terem-se perdido referências mínimas sobre o que é tolerável e sobre o que viola direitos individuais, incendeia em lugar de aplacar ressentimentos que, nalguns casos, são mais do que milenares.

Não sei se em Sarajevo as famílias católicas, muçulmanas, judias ou ortodoxas voltaram a celebrar, como sucedia antes das guerras nos Balcãs, as festas religiosas de uns e outros, em conjunto. Mesmo sob um regime comunista. Sem que a chamada dos *muezzin*, as cruzes dos cristãos ou os *kipah* dos judeus ofendessem quem quer que fosse. E sem que Tito procurasse exterminar o que vem do fundo dos tempos e, desde que tenha aprendido a conviver com a razão, é da esfera dos indivíduos e elemento formador de culturas capazes de respeitarem os direitos humanos. A começar pelo direito de cada um ter Fé no Deus da sua religião.

É altura de não  
falar apenas  
em tolerância  
religiosa,  
mas sim em  
respeito pelas  
religiões.  
Porque não  
se lhes pode  
exigir respeito  
pelos direitos  
humanos  
se não  
começarmos  
por respeitar o  
direito a ter Fé